André Guedes – Ensaios para uma Antológica

Engenhosamente estruturado e desenhado por Pedro Nora, editado por João Mourão e Luís Silva, e copublicado pela Kunsthalle Lissabon e pela CURA.BOOKS, este livro compila e trabalha, de forma articulada e dialogante, a obra artística de André Guedes entre 1999 e 2014. Apresentado como Ensaios para uma Antológica, este volume pretende coligir criticamente a variada obra artística do autor, tentando para isso forjar um modelo (ou modelos?) de compilação seletivo, para o qual o grupo de autores/escritores convidados fornecem separadamente a sua versão. No início do volume, num caderno de papel de cor creme, são apresentadas as escolhas das obras que cada um desses autores fez para abordar o trabalho do artista. Funciona como índice e guia para a entrevista e para os textos que ponderam esta fração temporalmente delimitada da obra de André Guedes.

Na entrevista conduzida por João Mourão e Luís Silva a André Guedes (Ainda continuaríamos a conversar – A antológica como diálogo), discute-se e explora-se a possibilidade da categorização de uma obra a partir de unidades conceptuais independentes e a viabilidade destas, no caso da obra do autor, poderem servir como fundações a uma unidade projetual unívoca, ou, como esclarecem os curadores na sua nota introdutória enquanto editores deste livro/ensaio, como uma formação discursiva, apropriada a problematizar a prática artística do autor.

Pedro Neves Marques descreve o seu périplo pela obra de André Guedes com a familiaridade de quem partilha tematicamente muitas das Histórias que ocultamente habitam a obra do autor. Narrativas partidas que nos fazem saltar entre objetos e ideias, personagens individuais e coletivas, histórias oficiais e micro-narrativas. A linguagem empregue, narra-nos num presente histórico acontecimentos que tiveram lugar entre o século XVI e 2015, conta-nos sobre um futuro que foi utópico (mas não sempre) e um presente que não é perfeito. Será que a seleção de obras que Pedro Neves Marques elege no seu texto (Uma vida comum) para dar corpo à sua antologia, começa mesmo em 2001?

Liliana Coutinho oferece-nos, não uma mas duas formas de reconhecer O delicado fio do comum na obra de André Guedes. Numa primeira secção apresenta-nos fragmentos de diálogos de obras performativas do artista, nas quais personagens - singulares e coletivas, femininas e masculinas e até mesmo objetos personificados, explicitam modelos de convivência e de afinidade, desencontro e pertença, saídos dos ambientes sócio-culturais dessas encenações. Como separadores desses fragmentos, algumas imagens que acompanham morfologicamente o cariz relacional e convivial das peças que compõem essas narrativas.

Num segundo momento da sua secção, mais precisamente no seu texto, Liliana Coutinho explicita que as razões da sua escolha antológica tenham recaído nas obras de cariz performativo pela plena concordância que estas têm com a direção discursiva da obra plástica do artista. Também nesta André Guedes nutre os objectos e imagens de qualidades e condições que reiteram a sua pertença ao universo comum – de empresas, grupos, comunidades imaginadas ou autênticas, coletivos ou existências singulares. Na única peça escultórica que Liliana Coutinho seleciona para integrar o seu ensaio, Escolha de 2007, composta por duas cadeiras, pertença de uma companhia de seguros portuguesa, que em duas fases diferentes da sua história operou duas formas distintas e ideologicamente comprometidas de representar a organização através das cores escolhidas para o prosaico objecto; Coutinho avança aquela que é notoriamente a sua forma de consorciar a obra de André Guedes. É no detalhe têxtil dessas cadeiras que entende estar o axioma que perpassa toda a obra do artista. O tecido enquanto material simbólico do entendimento entre todos os elementos que se vêm obrigados a conjugar na sociedade e nas organizações de que nos dá conta.

Num último esforço de agregar curatorialmente a obra de André Guedes, Chris Sharp propõe-nos uma incursão por um conjunto de obras que exprimem a humanidade existencial presente na obra de Guedes. Todas as peças selecionadas por Sharp formulam encontros e desencontros, verídicos ou encenados, nos quais o artista promove momentos de suspensão de experiência individual e incursões várias pequenas situações nas quais existe o potencial de um qualquer limiar narrativo no qual o espetador é enredado sem saber.

Mais do que nos dar conta dos vários aspetos que compreende a obra de André Guedes, e também por esta razão um livro essencial, o volume apresenta, como é de resto a vontade expressa pelos editores, uma contribuição para uma reforma das “próprias fundações, e funções, da exposição antológica e o seu lugar incontestado enquanto ferramenta curatorial, método de investigação e forma de mediação artística”.

+ info:

André Guedes

Kunsthalle Lissabon

Cura.Books

https://contemporanea.pt/Junho-Julho2017/35/